

## UMA INTERPRETAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA SEGUNDO O MITO DA CAVERNA

*AN INTERPRETATION OF THE TEACHING OF PHILOSOPHY  
ACCORDING TO THE MYTH OF THE CAVE*

Antonio Carlos Carneiro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo expõe uma reflexão sobre o ensino da Filosofia a partir da metodologia do Mito da Caverna, atribuída a Platão, na obra *A República* (1999). Deseja-se, com este estudo, refletir sobre a importância do ensino de Filosofia, do despertar reflexivo e do professor no ensino da Filosofia.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Método Platônico. Mito da Caverna.

### ABSTRACT

This article presents a reflection on the teaching of Philosophy from the methodology of the Myth of the Cave, attributed to Plato in the work *The Republic*. With this study, we wish to reflect on the importance of Philosophy teaching, reflexive awakening and the importance of teachers in the teaching of Philosophy.

Keywords: Teaching. Philosophy. Platonic Method. Cave Myth.

---

<sup>1</sup> Especialista em Psicopedagogia pela FAE Centro Universitário. Bacharel em Filosofia pelo ITEP-UFC. Graduando do 6º período de Licenciatura em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: carloscnr@outlook.com

## INTRODUÇÃO

Platão nasceu em Atenas por volta dos anos 428/427 a. C. Foi discípulo do heraclítico Crátilo e depois de Sócrates. É uma referência dentro da Filosofia e tem várias obras cujas autorias lhe são atribuídas, dentre as quais está a obra *A República* (1999). Nesta obra em específico, no *livro VII*, chama-nos a atenção o tema da educação. É sobre esse assunto que pretendemos refletir.

Neste artigo não se pretende fazer uma abordagem histórica e tampouco esgotar o assunto. O objetivo é realizar uma reflexão sobre o ensino da Filosofia a partir do texto *O Mito da Caverna*. Partindo desse ponto, abordaremos a importância do ensino da filosofia e a tomada de consciência através do desenvolvimento da razão e reflexão.

Para se atingir tais metas foi útil a pesquisa exploratória realizada sobre o assunto, sempre tendo como base a obra do autor, e, *a posteriori*, alguns de seus comentadores. Constata-se nesta pesquisa que o ensino da Filosofia pode possibilitar ao estudante a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento crítico e reflexivo.

### 1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA FILOSOFIA

O ensino da filosofia é apresentado como um meio para se obter o conhecimento reflexivo, organizado e crítico. É por meio deste que o estudante, instigado pelo seu professor, pode romper com o pensamento do senso comum e se apropriar do conhecimento racional e mais elaborado. Percebe-se que esta é uma das maiores necessidades que o homem procura em seu processo de aquisição do conhecimento e desenvolvimento da razão. Com essa procura, ele busca se entender como um ser no mundo, atuante nele e nos seus acontecimentos. Deste modo, pensar filosoficamente é utilizar-se da razão com objetivo de entender as realidades em sua essência e existência.

Para se chegar a tais objetivos, o sujeito não adquire tais conhecimentos de forma mágica e tampouco sem esforços. Percebe-se que para se alcançar tais conquistas, faz-se necessário uma busca, desejo e perseverança.

No sétimo capítulo da obra *A República* (1999), de Platão, discorre-se sobre o modo como o indivíduo pode chegar ao conhecimento. O autor opta por um estilo próprio denominado como **diálogo**. É com essa intenção que, ao aplicar o método proposto, o filósofo articula o processo pelo qual o grupo de indivíduos pode adquirir certos conhecimentos. No decorrer da narrativa, percebem-se as aberturas e as resistências que os personagens apresentam no processo de percepção e reflexão.

Seguindo um modelo pedagógico próprio (o **diálogo**), o autor convida seu interlocutor a imaginar uma situação pela qual foi supostamente educado, mas não o suficiente para obter o conhecimento desejado. O estilo pedagógico é sistemático e utiliza seus artifícios para atingir os objetivos: “- E agora – disse eu – compara com a seguinte situação o estado de nossa alma com respeito à educação ou à falta desta [...]” (PLATÃO, 1999, p. 253). Ao apresentar o cenário, o autor relata as condições de natureza, de educação e o ambiente no qual estão inseridos aqueles que serão os personagens. É importante ainda perceber que o autor não tem um lugar concreto. Para se obter tais percepções, o seu interlocutor é obrigado, logo de início, a mostrar que desenvolveu suas habilidades de imaginação, de noção de espaço e de contexto social. Com isso, leva-se a entender que existem conceitos que são abstratos e conceitos que expressam a realidade concreta.

Desse modo, ele parte de conceitos conhecidos, sobre os quais possivelmente seus interlocutores têm domínio. Essa atitude favorece a comunicação e a aplicação da metodologia desejada:

Imagine uma caverna subterrânea provida de uma vasta entrada aberta para luz e que se estende ao longo de toda caverna, e uns homens que lá dentro se acham desde meninos, amarrados pelas pernas e pelo pescoço, de tal maneira que tenham de permanecer imóveis e olhar tão só para frente, pois as ligaduras não lhes permitem voltar a cabeça. Atrás deles, e num plano superior, arde um fogo a certa distância, e entre o fogo e os acorrentados há um caminho elevado, ao longo do qual faz de conta que tenha sido construído um pequeno muro semelhante a esses tabiques que os titeriteiros colocam entre si e o público para exibir por cima deles as suas maravilhas (PLATÃO, 1999, p. 253).

Ao apresentar o cenário e os obstáculos dos personagens, o autor proporciona alguns desafios. O primeiro pode ser entendido como uma condição social, onde os homens estão desde a infância em determinadas condições que não possibilitam conhecer tais verdades, ou seja, estão impossibilitados de realizar uma passagem do contexto infantil, no qual habitam, para um racional. Isso se dá, segundo a interpretação, pelo não favorecimento dos meios e por uma acomodação: os homens estão presos e não conseguem se movimentar. Esse movimento não pode ser realizado devido aos grilhões que impedem o desenvolvimento do sujeito. Outro obstáculo é o ofuscamento diante da luz da razão (o fogo que queima). O sujeito percebe sua presença, percebe sua existência, mais ainda não tem consciência.

Por trás do muro, existem seres que passam. Eles simbolizam a realidade, porém, pela ausência de consciência, os homens são levados a perceber apenas os reflexos e com eles se contentam. Em termos análogos, poder-se-ia dizer que essa é uma atitude dos sujeitos que vivem no estado infantil da consciência, que sempre são levados a contentar-se com as sombras e os ruídos sociais e, portanto, são induzidos à manipulação e impedidos de perceber a realidade de maneira crítica.

## 2 O DESPERTAR REFLEXIVO

No processo de hominização, o sujeito sempre está em um contexto social e em uma relação quase que existencial. É nestas condições que a individualidade racional é construída. Na relação entre sujeitos, é significativo considerar tais realidades e as condições que o sujeito apresenta, para que haja o desenvolvimento esperado. Para isso, basta perceber que nos diálogos Platão estava atento a tais condições e delas se valia para que seus objetivos fossem atingidos.

Para ele, o homem que vivia na caverna social, mesmo que não conseguisse transcender de imediato devido aos obstáculos, continuava com o potencial de desenvolver sua forma de pensar filosófica. Nem sempre é fácil romper esse vínculo, pois muitas vezes o homem está tão arraigado com o senso comum que se nega a aceitar conceitos que explicam de forma plausível a realidade na qual este está inserido.

Ser prisioneiro aos olhos da razão é uma forma de negar-se a liberdade enquanto ser pensante. É destituir-se do que dá sentido à existência. É a maneira pela qual se deixa enganar pelas sombras e ruídos. A esses moldes, a consciência adquirida é uma representação da sombra, algo parcial, que não contém sustentabilidade.

– E não vês também homens a passar ao longo desse pequeno muro, carregando toda espécie de objetos, cuja altura ultrapassa a da parede, e estátuas e figuras e animais feitos de pedra, de madeira e outros materiais variados? Alguns desses carregadores conversam entre si, outros marcham em silêncio (PLATÃO, 1999, p. 253).

Seguindo essa lógica, percebe-se que não basta os homens serem apenas meros espectadores da realidade: é fundamental ser agente pensante, que procura fundamentos para as realidades apresentadas e que não se contenta apenas com as sombras e os desfiles de marionetes. Ser protagonista é romper os obstáculos, é procurar para além das projeções; é correr riscos, mesmo que estes contribuam para que o sujeito da busca fique ofuscado diante da luz das descobertas.

O autor deixa entender que o mito, antes de tudo, representa o sistema no qual o homem está imerso. Isso fica claro quando ele se dirige aos seus interlocutores e apresenta:

- Como nós outros – disse eu. – Em primeiro lugar, crês que os que estão assim tenham visto outra coisa de si mesmos ou de seus companheiros senão as sombras projetadas pelo fogo sobre a parede fronteira da caverna?
- Como seria possível, se durante toda a vida foram obrigados a manter imóveis as cabeças?
- E dos objetos transportados, não veriam igualmente apenas as sombras?
- Sim.
- E se pudessem falar uns com os outros, não julgariam estar se referindo ao que se passa diante deles? (PLATÃO, 1999, p. 253-254)

Ao apresentar a semelhança entre os dois mundos, o da caverna e o real, significa que o desenvolvimento da razão é sempre um desafio. É o sair da caverna, das sombras do não saber objetivo, com o objetivo de alcançar o conhecimento racional da realidade que se mostra – contudo, faz-se necessário um exercício racional. Neste sentido, dar nomes não é o suficiente, pois corre-se o risco de o homem se enganar, pensando estar com a mais pura razão. Essa falta de clareza pode contribuir para um julgamento equivocados.

No processo de aprendizado podem ser constatados muitos tipos de vozes. Essas, por sua vez, podem gerar grandes confusões – isso quando não se tem clareza em apresentar os objetivos. Quando essas inferências acontecem, o sujeito capta essas informações, semelhante aos indivíduos aprisionados:

- Supõe-se ainda que a prisão tivesse um eco vindo da parte da frente. Cada vez que se falasse um dos passantes, não criariam eles que quem falava era a sombra que viam passar?
- É indubitável. (PLATÃO, 1999, p. 254)

De acordo com a estrutura apresentada, percebe-se que a educação pode ser não libertadora quando forem atribuídos conceitos inválidos. Primeiro por manter o sujeito em um sistema de dependência; segundo, pelo fato de não proporcionar um contato com o real. Isso induz a uma conceituação insatisfatória.

Observando alguns relatos de processos de desenvolvimento do conhecimento do ser humano, entende-se que esse movimento acontece geralmente seguido por

uma resistência diante do novo e, em um segundo estágio, um maravilhar-se com a descoberta. Seguindo essa linha de raciocínio, é compreensível que isso aconteça, uma vez que estar diante do novo causa um grande impacto, o que pode contribuir para um desequilíbrio do sujeito que se encontra no processo de aquisição e transformação da mentalidade do real. Isso fica claro na teoria de Piaget (2007), quando este apresenta o desenvolvimento do sujeito e suas fases iniciais de conhecimento. Seguindo esse raciocínio, o sujeito inicia o processo de acomodação da informação e, ao apropriar-se, toma como seu. O que é marcante é o impacto que ocorre nesse processo cognitivo.

Sair de um estado de ignorância filosófica exige um esforço considerável, tanto de quem tem o dever de iniciar o processo de aprendizagem filosófica quanto de quem vai ser iniciado:

[...] e se alguém lhes dissesse que antes não via mais do que sombras inanes e é agora que, achando-se mais próximo da realidade e com os olhos voltados para os objetos mais reais, goza de uma visão mais verdadeira, que supões que responderia? Imagina ainda que o seu interlocutor lhe fosse mostrando os objetos à medida que passassem e obrigando-o a nomeá-los: não seria tomado de perplexidade, e as sombras que antes contemplava não lhes pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que agora lhes mostram? (PLATÃO, 1999, p. 254)

Entende-se que ao fazer a apresentação das duas realidades, o sujeito é colocado diante de um novo ciclo. Porém, essa postura, em um primeiro momento, pode causar estranha confusão. A quebra de paradigma, de conceitos e até de crenças é colocada em dúvida e por isso se faz necessário uma reestruturação.

O autor ainda relata que esse processo é árduo e exige empenho, principalmente por parte de quem tem a responsabilidade de apresentar a realidade dos objetos aos que se encontram no interior da caverna, uma vez que é impelido a tomar algumas atitudes para que os sujeitos possam adquirir novos conhecimentos e romper com um conhecimento transitório e fictício:

– E se o levassem dali à força, obrigando-o a galgar a áspera e escapada subida, e não o largassem antes de tê-lo arrastado à presença do próprio sol, não crês que sofreria e se irritaria, e uma vez chegado até a luz, teria os olhos tão ofuscados por ela que não conseguiria enxergar uma só das coisas que agora chamamos de realidade? (PLATÃO, 1999, p. 255)

Há sempre um embate de ambos os personagens, a partir do qual entende-se que na educação em desenvolvimento é exigido um considerado esforço tanto do educando como do educador. Por um lado, há uma forte resistência do educando em permanecer no mundo que foi criado e que não apresenta perspectivas para descobrir novos horizontes. Por outro lado, o papel do educador é apresentar novas realidades e gerar no educando a necessidade de conhecer os objetos reais – gerar pensadores. Contudo, isso nem sempre é aceito. Quando isso acontece, é necessário proporcionar uma ruptura com o sistema que aprisiona e impede o conhecimento. Nesse movimento, o educador é aquele que não abandona seu educando na subida, no entrave, mas é aquele que apresenta o sol, ou seja, a realidade a ser pensada.

No primeiro momento parece haver um ofuscamento da razão. Não se consegue acomodar um impacto tão relevante, pois para isso precisa-se de tempo. Isso não ocorre por não se dar conta de entender a realidade, mas pela quebra de paradigmas. Faz-se necessário desconstruir uma consciência enganosa para se apropriar da realidade verdadeira.

Diante desta proposta, pode-se refletir sobre as formas pelas quais se apresentam as realidades existentes aos educandos. A metodologia aplicada é suficiente para uma assimilação da realidade?

– Precisaria acostumar-se, creio eu, para poder chegar a ver as coisas lá de cima. O que se veria mais facilmente seriam, antes de tudo, as sombras; depois, as imagens de homens e outros objetos refletidos na água; e, por fim, os próprios objetos. Alçaria então os olhos para a lua e as estrelas, e veria o céu noturno muito melhor do que o sol ou a sua luz durante o dia (PLATÃO, 1999, p. 255).

A pedagogia platônica apresenta uma sequência pela qual o sujeito se desenvolve. Embora haja um potencial em cada sujeito, isso não o torna um ser acabado, mas em processo, e esse caminho é apresentado em fases que vão se aperfeiçoando desde o estágio sombrio até a aquisição de maturidade, onde se pode perceber os próprios objetos.

O autor defende que após passar por esse processo e atingir sua maturidade, o homem se encontra pronto para perceber a luz da verdade. Desse modo, não lhe bastaria ver as imagens, elas seriam insuficientes; seria necessário ele ver a fonte de onde emana a luz:

– E por fim, creio eu, estaria em condições de ver o sol – não suas imagens refletidas na água ou em qualquer outro lugar que

não seja o seu, mas o próprio Sol em seu próprio domínio e tal qual é em si mesmo (PLATÃO, 1999, p. 255).

Contemplar a Verdade é um desejo que está na essência de todo ser humano. É apresentando essa curiosidade intrínseca como um movimento centrífugo que o auto leva os interlocutores a perceberem que o sujeito, embora viva condicionado ao meio histórico, tem em si uma potência para a transcendência. Seguindo este conceito, o sujeito que parece estar limitado surpreende-se quando toma consciência de que as sombras eram apenas um reflexo da verdade. É esse o movimento que torna o sujeito mais verdadeiro, que dá sentido à existência e possibilita ultrapassar todos os obstáculos para se adquirir o conhecimento que lhe é devido:

– Mais tarde, passaria a tirar conclusões a respeito do sol, compreendendo que ele produz as estações e os anos, governa o mundo das coisas visíveis e é, de certo modo, o autor de tudo aquilo que o nosso prisioneiro libertado e seus companheiros viam no interior da caverna (PLATÃO, 1999, p. 255).

Entende-se que a produção de conhecimento se dá através dos estímulos que são realizados juntamente com o aprendiz. Concorde-se com Platão quando este apresenta o sujeito não como alguém sem conhecimento, mas como alguém com um potencial a ser desenvolvido:

– Ora, o nosso argumento mostra que o poder e a capacidade de aprender já existem na alma; e que, assim como o olho é incapaz de voltar-se das trevas para a luz sem ser acompanhado do corpo inteiro, também a faculdade de conhecer só pode apartar-se do mundo das coisas contingentes por meio de um movimento da alma inteira, até que esteja em condições de enfrentar a contemplação do ser, inclusive da parte mais brilhante do ser que a que chamamos de ideia [sic] do bem (PLATÃO, 1999, p. 258).

Desse modo, a apropriação do conhecimento passa pelas condições que são oferecidas ao sujeito e não pela falta de potência, uma vez que esta é inerente ao ser.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO ENSINO DE FILOSOFIA**

O ensino da Filosofia pode ser apreciado por várias óticas e essas, por sua vez, discorrem sobre vários significados. Não cabe aqui fazer uma análise, mas apenas entender o método aplicado por Platão, que por meio do **Mito da Caverna** apresenta um estilo

próprio que tem por objetivo proporcionar o conhecimento racional através da educação.

Seguindo a lógica platônica, arriscar-se-ia a afirmar que o ensinar filosófico é mais do que argumentar e apresentar a história da Filosofia. É uma maneira de conduzir o que se aprende a envolver-se; é um tornar-se filósofo com o filósofo pelo processo do filosofar.

A ação desse ensino poderia produzir um pensamento filosófico? Certamente que sim, uma vez que, com base nestes argumentos, defende-se que a Filosofia como ensino é um transbordar do ser Filósofo; é um compartilhar de experiências. Somente o Filósofo em seu campo de atuação tem a capacidade de voltar-se, após contemplar a verdade, e perceber que os outros ainda permanecem nas sombras da razão e necessitam maravilhar-se com a mesma verdade.

– E quando se lembrasse de sua anterior habitação, da ciência da caverna e de seus antigos companheiros de cárcere, não crês que se consideraria feliz por haver mudado e sentiria piedade deles?

[...]

– Sim, creio que preferiria qualquer outro destino a ter uma existência tão miserável. (PLATÃO, 1999, p. 255-256)

O ato filosófico é mais do que descobrir realidades: é uma reflexão profunda que o sujeito faz tanto de sua existência quanto do que o rodeia. A descoberta de si como um devir, um ser criativo, reflexivo e consciente de sua existência, é a forma pela qual o homem se encontra no mundo. A partir deste encontro, pode-se criar conceitos e atribuí-los a objetos. Chegando a esse grau de consciência, o Filósofo é encarregado de manifestar-se no mundo como um ser criativo e inferir conceitualmente através do pensar.

– Portanto – continuei – compete a nós, como fundadores, obrigar as melhores naturezas a que alcancem esse conhecimento que dissemos ser o mais elevado de todos; não devem renunciar à ascensão enquanto não houverem chegado até o bem, mas depois de o contemplarem suficientemente não lhes permitiremos fazer o que agora fazem (PLATÃO, 1999, p. 259).

Assim sendo, a função do Filósofo não é ganhar um papel de destaque, muito menos honorarias. Sua função é dar-se na expansão do conhecimento filosófico com o objetivo de tornar o sujeito consciente através do pensar e possibilitar que muitos adquiram essa habilidade. A verdade, quando descoberta, não poderia ficar restrita a um grupo. Se assim fosse, tornar-se-ia medíocre e sem efeito. Muito menos esse

grupo poderia pensar que é melhor por haver obtido a possibilidade de chegar a tal grau de consciência. Pelo contrário, esses indivíduos são obrigados a realizar o movimento descendente com o objetivo de dar a mesma oportunidade aos que continuam na dependência das sombras da razão.

É no voltar que o professor de Filosofia se vale da linguagem como recurso para aplicar a Filosofia como ensino. Segundo Lipman (apud SOUZA, 2013, p. 2), “a filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo”. Seguindo essa linha de raciocínio, entende-se que o ensino de Filosofia é um processo onde estudante e professor, por meio da linguagem, constroem um conhecimento crítico sobre a realidade.

## CONCLUSÃO

De acordo com o que foi pesquisado, pode-se perceber que o ensino da Filosofia é de grande relevância tanto para o sujeito quanto para o desenvolvimento social, levando-se em conta que o conhecimento é a forma pela qual o sujeito se constitui consciente e responsável, tanto pelos seus deveres como na exigência dos seus direitos. Assim, o professor de Filosofia é convidado a instigar uma consciência filosófica em seus alunos. Para que efetivem resultados, é importante que o profissional dessa área tenha liberdade e condições suficientes para trabalhar de maneira significativa e construtiva os conteúdos necessários para uma boa aprendizagem e desenvolvimento. É importante lembrar que ao se comprometer com essa profissão é necessária dedicação. É por meio do ato de ensinar que o professor de Filosofia pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito no ambiente formal (a escola).

Assim como Platão, o professor é aquele que instiga os alunos a saírem da comodidade, estimula o raciocínio e propõe desafios com o objetivo de constituir seres pensantes, no sentido filosófico.

## REFERÊNCIAS

- ANTISERI, G.; REALE, D. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2003.
- LIMPAN, M. **A filosofia vai a escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fonte, 2007.
- PLATÃO. **Diálogos III: A República**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- ROSSI, R. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Loyola, 1996.
- SOUZA, T. S. de. O ensino de filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman. **Filogênese, Marília**, v. 6, n. 2, p.13-26, 2013.
- WATANABE, L. A. **Platão por mitos e hipóteses**. São Paulo: Moderna, 2004.

